

○ monumento megalítico de Altoda Feteira (Pombal)

Por L. de Albuquerque e Castro e O. de Véiga Ferreira

I. DECOBERTA, LOCALIZAÇÃO, GEOLOGIA

A cerca de 28 quilómetros de Pombal, e na estrada que liga esta Vila à de Ancião, numa elevação a norte da referida estrada perto da povoação de Arroteia, foram identificados dois monumentos megalíticos designados por Alto da Feteira e Alto da Carrasqueira. Destos dois, sómente o primeiro foi explorado cujo estudo será objecto desta nota.

No local existem várias exploração de pedra e assim, como se verá adiante, o monumento foi bastante danificado.

Foi no decorrer de levantamentos geológicos nesta área que foi possível identificar estes monumentos megalíticos.

A formação geológica em que assentam os monumentos é constituída por calcários (bancadas separadas por finos leitões ou estratos argilosos) de fácies marinho que formam o Oxfordiano (as formações xistosas ficam a cerca de 30 quilómetros para leste).

II. DESCRIÇÃO DO MONUMENTO

O monumento pré-histórico da Feteira é constituído em planta por seis grandes esteios (hoje partidos a cerca de 1/3). O numero, 1, a cabeceira, é uma grande laje de dois metros de comprimento. Do lado direito hs dois. o n.º 3 e n.º 4. Do lado esquerdo existem tres esteios. 2. 4 e 6 sendo todos imbricados uns nos outros. Entre a cabeceira e o eiteio n.º 2 existia uma parede de blocos assim como entre o eiteios n.º 1 e 3 e entre este o numero 5. A entrada tem do lado direito um esteio rectangular e entre este e o esteio n.º 5 uma pedra arredondada.

A galeria não é acusada por esteios, tendo estes já desaparecido, mas a descoberta de crâneos e espólio arqueológico fora da cripta dão-nos a certeza que existiria uma galeria.

Todos os esteios estavam partidos, como se disse acima, quasi ao nível do terreno pela gente da região co ma finalidade de arranjar brita para as estradas.

Na base dos esteios 2 e 5 existiam ainda os calços, pela parte de dentro, para os segurar e travar.

Parece ter existido um nicho feito com pequenas pedras isto é, um muro de pedra solta que deve ter sido destruído e muitas das pedras estavam misturadas com os materiais arqueológicos. Encontraram-se também restos da cobertura desse possível nicho todos sobre o espólio. Também se pode pensar que estes materiais venham da cobertura da mamoa como já o temos observado noutros tumulos de epoca semelhante¹.

III. EXPLORAÇÃO DO MONUMENTO

A exploração do monumento foi bastante trabalhosa em virtude do estado de destruição em que se encontrava. A inclinação dos esteios e a sua pouca altura, em virtude de estarem partidos, dificultou imenso a exploração isso acrescido da dureza da terra comprimida por tantos milhares de anos e o risco que se corria de partirem os materiais ali depositados. Ficamos com a impressão que o monumento havia sido violado, saqueado e parcialmente destruído (ver o estado dos esteios partidos quasi ao nível do terreno). Os materiais estavam em terra arqueológica completamente remexida mas muito dura devido à calcificação. A zona 1 deu os crescentes e os trapézios que estavam inscristados fortemente no solo saibroso do monumento. A zona 2 deu os materiais mais modernos pertencentes ao Eneolítico. A zona 3 deu grande abundância de elementos osseos humanos todos partidos e misturados. Por último a zona 4, representada pelos circulos, foi onde se encontram as calotes ou crânios humanos.

Queremos ainda acrescentar que os esteios da câmara, pelo menos os do lado esquerdo, estavam muito inclinados para o interior fazendo inclinações de 45 a 46 graus.

IV. INVENTARIO DO MATERIAL

A) ARMAS E OBJECTOS DE USO COMUN

Silex

- 4 - pontas de seta com pedúnculo incipiente «tipo almeria»
- 2 - pontas de seta de base côncava
- 1 - ponta de seta de base reta
- 1 - ponta de seta com pedúnculo e aletas

1. Sobre sepulturas com nichos veja-se a seguinte bibliografia: S. P. M. Estacio da Veiga, «Antiguidades monumentais do Aljavre», vol. III, Lisboa, 1889. VERA LEISNER, G. ZBYSZEWSKI e O. DA VEIGA FERREIRA, «Les monuments préhistoriques de Praia das Macãs et Casainhos», *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n.º 16, Lisboa, 1969. A. CAVACO e O. DA VEIGA FERREIRA, «O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)», T. XXXIII, Lisboa, 1952.

O monumento megalítico de Altoda Feteira (Pombal)

- 1 - ponta de seta triangular, estreita com pedúnculo estreito
- 4 - pontas de seta de base convexa
- 1 - ponta de seta de base convexa feita a partir duma lâmina
- 1 - ponta de seta triangular com pedúnculo incipiente
- 4 - pontas de seta de pedúnculo triangular
- 1 - ponta de seta losangular
- 4 - trapézios (micrólitos)
- 2 - segmentos de círculo (micrólitos)
- 2 - alabardas triangulares
- 8 - lâminas com retoques
- 1 - grande lâmina sem retoques
- 5 - fragmentos de grandes lâminas
- 8 - fragmentos de lâminas

Quartzo

- 2 - laminasinhas de quartzo hialino

Osso

- 1 - furador

Fibrolite

- 1 - machado todo polido com chanfro para o encabamento
- 1 - machadinho todo polido

Anfibolito

- 3 - fragmentos de machados polidos

B) OBJECTOS DE ADORNO

- 1 - conta tronco-cónica de azeviche
- 7 - contas cilíndricas de nefrite (anfíbola)
- 2 - contas tronco-cónicas de nefrite (anfíbola)
- 2 - contas globulares de nefrite (anfíbola)
- 125 - contas discoides de nefrite, calaite, calcário, concha etc.
- 4 - contas discoides de calcário ainda por separar
- 1 - pendente de nefrite (calaite?)
- 1/2 - conta de quartzito com ornamentação de sulcos horizontais
- 1 - alfinete de osso para cabelo com cabeça postiça ornamentada
- fragmentos de corpos de osso para alfinetes de cabelo
- 1 - placa de osso com furos de suspensão
- 1 - placa de osso
- 2 - cabeças de alfinete espatuladas
- 2 - fragmentos de braceletes feito de concha de *Glycimeris*

C) OBJECTOS DE FINALIDADE RELIGIOSA

- 1 - crescente ou lúnula de coucha de *Glycimeris*

D) CERÂMICA

27-fragmentos de cerâmica lisa

E) DIVERSOS

- 3-fragmentos de corantes
- 1-placa de grès fino (amoladeira)
- 1-fragmento duma placa de grès (amoladeira)
- 1-fragmento duma placa de grauvaque

F) FAUNA

- 1-conchas de *Testacella maugei*
- 1-concha (valva direita) de *Pecten maximus*
- 1-concha (valva direita) de *Glycimeris* sp.
- 2-dentes incisivos de *Sus scropha*
- 1-dente molar de *Capra* ou *Ovis*
- 1-canino de *Vulpes vulpes*
- 1-canino *Meles taxus*

V. DESCRIÇÃO DO MATERIAL ENCONTRADO

Das quatro pontas deseta com pedúnculo incipiente, tipo Almeria, descreveremos a maior e mais completa que é admiravelmente retocada em ambas as faces com retoques, ora normais ao eixo da peça, ora inclinados, sobretudo, na ponta. O pedúnculo incipiente é conseguido por duas «coches». Comp. 56 mm; larg. max. 15 mm; esp. 4 mm.

Das pontas de seta de base côncava descreveremos a melhor conservada e trabalhada. Numa das faces é toda retocada, na outra é retocada na ponta, nos bordos e no talão ou base. O trabalho de retoque é do mesmo tipo dos das pontas acima descritas. Comp. 46 mm; larg. max. 16 mm; esp. 4 mm.

A ponta de seta de base recta é triangular e admiravelmente trabalhada nas duas faces. Os retoques dos bordos são inclinados em relação ao eixo da peça. Comp. 42 mm; larg. max. 22 mm; esp. 5 mm.

Ponta de seta co duas aletas e pedúnculo convexo. A base do pedúnculo está partida. A face direita é toda trabalhada. A face esquerda é apenas retocada nos bordos, ponta e parte do talão. Comp. 38 mm; larg. max. 16 mm; esp. 3,5 mm.

Ponta espessa triangular com pedúnculo estreito. Trabalhada apenas nos bordos, ponta e base. Comp. 32 mm; larg. max. 14 mm; esp. 4 mm.

Das quatro pontas de seta de base convexa nenhuma é completa-

mente trabalhada. A melhor é um pouço assimétrica com a base em leque. Comp. 25 mm; larg. max. 14 mm; esp. 5 mm.

Das quatro pontas deseta de base triangular ha uma de silex róseo que é inteiramente trabalhada na face direita. Na face esquerda é apenas trabalhada nos bordos. Comp. 33 mm; larg. max. 17 mm; esp. 5 mm.

Uma ponta de seta triangular isósceles inteiramente trabalhada nas duas faces. Comp. 28 mm; larg. max. 22 mm; esp. 5 mm.

Uma ponta losangular inteiramente trabalhada numa das faces. Na outra face ha uma área central sel trabalho. E de jaspe. Comp. 29 mm; larg. max. 16 mm; esp. 4 mm.

Ponta de seta feita a partir duma lâmina. Na face direita é apenas trabalhada na ponta e bordos. Na face oposta tem retoques apenas nos bordos. Comp. 43 mm; larg. max. 15 mm; esp. 3 mm.

Dos quatro trapézios, um deles é feito a partir duma lâmina de secção trapezoidal. Trabalhada por retoques finos na truncatura oblíqua e na ponta. Comp. 35 mm; larg. max. 9 mm; esp. 3 mm.

Duas alabardas triangulares. Uma delas é toda trabalhada numa das faces com o trabalho típico destas peças. Comp. 175 mm; larg. max. 68 mm; esp. 16 mm.

Nas lâminas com trabalho de retoque descremos uma que é toda trabalhada nos dois bordos e talão. A ponta está partida. E de secção trapezoidal e de silex branco leitoso muito patinado. Comp. 80 mm; larg. max. 17 mm; esp. 5 mm.

Lamela de quartzo hialino com retoques oblíquos ao eixo aproveitando a fractura conchoidal do quartzo. Comp. 24 mm; larg. max. 8 mm; Esp. 2 mm.

Machado ovoide de fibrolite cinzenta inteiramente polido e com um chanfro de encabamento de secção elítica. Comp. 104 mm; larg. max. 58 mm; esp. 33 mm. Comp. do chanfro-53 mm; larg. 21 mm.

Enxó de fibrolite branca con manchas escuras e douradas. Admiravel trabalho de forma e polimento. Comp. 63 mm; larg. max. 22 mm; esp. 11 mm.

Dois braceletes de concha de *Glycimeris* (2 metades). Um apresenta a charneira, outro o bordo paleal. Diâmetro do maior-69 mm; larg. max. 8 mm; esp. 4 mm.

Lunula ou crescente feito da concha de um *Glycimeris*. Comp. 41 mm; larg. max. 13 mm; esp. 4 mm.

Núcleo de quartzo citrino donde se tiraram abundantes laminasinhas. Alt. 30 mm; larg. na base-28 mm.

Alfinete para cabelo com cabeça postíça feito de osso. A cabeça é ornamentada com caneluras irregulares incisadas. Diâmetro da cabeça 12 mm; diâmetro do corpo-4 mm; comp. total-78 mm.

Furador de osso feito duma esquirola. Muito aguçado e bem polido na ponta. Comp. 43 mm; larg. max. 9 mm; esp. 3 mm.

Corpo espatulado de alfinete de osso. Comp. actual-74 mm; larg. max. 4 mm; esp. 2 mm.

Cabeça de osso espatulada para alfinete de cabelo. Partida por fratura antiga. Comp. 41 mm; larg. max. 23 mm; esp. 4 mm.

Cabeça de osso espatulada para alfinete de cabelo. Partido por fratura antiga. Comp. 32 mm; larg. na base-19 mm; esp. 2 mm.

Placa de osso com furo de suspensão. Comp. 60 mm; larg. max. 20 mm; esp. 2 mm.

Placa de osso polido. Comp. 54 mm; larg. max. 22 mm; esp. 3 mm.

Placa de grès fino micáceo (amoladeira). Comp. 125 mm; larg. max. 48 mm; esp. 12 mm.

Fragmento de calcário que pode ter sido aproveitado como furador votivo devido à sua forma e aspecto. Comp. 103 mm; larg. max. 53 mm; esp. 18 mm.

Dois segmentos de círculo ou crescentes. O mais típico e completo é todo trabalhado por retoques finos em toda a superfície do arco. Comp. 28 mm; larg. max. 12 mm; esp. 3 mm.

Valva direita de *Pecten maximus* que serviu de recipiente para corantes ou tintas. Comp. 96 mm; larg. max. 108 mm.

Valva direita de *Glycimeris* sp. que serviu de recipiente de corantes. Está furada no vértice. Comp. 35 mm; larg. max. 39 mm.

Os restos de cerâmica recolhida constituem 28 fragmentos representando talvez quasi o mesmo numero de vasos mas sem qualquer possibilidade de reconstrução a não ser em desenho. A sua distribuição pode-se fazer do seguinte modo:

- 15 fragmentos incaracteristicos
- 3 fragmentos de rebordo lateral pertencentes a peças diferentes
- 2 fragmentos de rebordo lateral pertencentes ao mesmo vaso
- 1 fragmento com pé
- 4 fragmentos de bordos
- 1 fragmento com um mamilo
- 1 fragmento com um cordão liso.

As pastas são grosseiras, com inúmeros grãos de quartzo e calcite, mas isentas de palhetas de mica. Ha pastas de cor cinzento-acastanhada, vermelhas e negras e outras tendo nas superficies, externa e interna, uma zona avermelhada e entre ela uma zonabcentral de cor cinzenta ou negra, mas apesar da alteração de cor as tres zonas têm os mesmos constituintes.

Em todos os fragmentos ha uma ausência completa de decoração. Apenas existem dois fragmentos um com um cordão e outro com um mamilo ou botão. Estes dois fragmentos apresentam a face exterior pintada a almagre e lembram a cerâmica de tipo neolítico.

O estudo dos restos de cerâmica permitiu-nos conjecturar, ainda que problematicamente, a forma a atribuir aos vasos a que pertenceram. Para esta conclusão não nos podemos isentar do local da sua jazida e ralacioná-los com exemplares já conhecidos de estações megalíticas ou outros monumentos de cronologia identica.

Assim qeriamos quanto à forma: vasos esféricos ou muito próxi-

mos, taças de tipo carenado e um vaso com prutuberancias mamilares ou botão e outro vaso com cordão na carena.

VI. ESPÓLIO ANTROPOLÓGICO

Como já o dissemos atraz o monumento deve ter sido remexido em várias épocas, devendo ser o mais recente aquele em que o proprietário do terreno, rente ao nível exterior do terreno todos os esteios qu eo constituíam. Esta destruição tinha em vista o aproveitamento das pedras para a construcção de muros de limite de propriedade.

Destas destruições a parte que sofreu mais foi a galeria pois desapareceu completamente. A câmara, principalmente a zona central, foi a parte que maiores remeximentos sofreu.

Todos os vandalismos, possíveis explorações de curiosos, algumas com o fim de aproveitar a pedra como se viu, causaram grandes destruições nos espólios, mobiliário e osteológico, que, pelo que foi colhido, deveria ter sido bastante importante.

A todos os crâneos faltava o maxilar inferior e estes soltos estavam quebrados. Também quasi todos os ossos longos estavam quebrados ou esmagados.

Os elementos que se encontravam em melhor estado haviam sido deslocados, em remeximentos muito antigos, para um vão, rente ao fundo da câmara, devido à grande inclinação dum dos esteios do lado esquerdo da mesma. Dizemos remeximentos muito antigos, pois a terra que os envolvia estava extremamente dura em contraste com a do resto da câmara. Igualmente foram encontrados crâneos e outros ossos por debaixo dos restos do primeit o esteio do lado sul e caído sobre a provável ligação do corredor com a câmara onde existia um degrau.

Tanto no tal vão como no possível nicho todos os crâneos e ossos longos não estavam no seu primitivo lugar de inumação mas colocados a esmo.

Em virtude do estado em que se encontrava o espólio antropológico solicitamos, por intermédio do Dr. Bairrão Oleiro, a presença do Prof. Doutor Xavier da Cunha da Universidade de Coimbra para que com a sua superior orientação se procedesse à recolha do respectivo material osteológico que permitisse um conveniente estudo. Infelizmente tal não foi possível mesmo com a assistência do respectivo preparador especializado e colaborador do referido Professor. No entando todo o material recolhido foi levado pelo Professor Xavier da Cunha para estudo ulterior que ainda foi terminado.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura do monumento agora estudado é muito semelhante à dos estudados nos arredores de Lisboa, região de Belas, Caneças, Lousa, etc.². Também apresenta semelhanças com a dos monumentos dos arredores da Figueira da Foz estudados por Santos Rocha³. A primeira vista parece-nos estarmos em presença duma sepultura com as características ou influências da região almeriense. Desde ha muito que este género de construcções funerárias megalíticas das penínsulas de Lisboa e da Figueira da Foz são consideradas como um surto vindo por mar da região do Sudeste espanhol Almeria-Almizaraque-Los Milares⁴. A confirmar esta hipótese estão os materiais arqueológicos que, na maior parte, apresentam nitidas influências daquela região.

Assim, os braceletes feitos de concha de *Glycimeris*, que parece terem sido muito apreciados na pré-história, são assinalados nos tumulos da região de Almeria, em Loma de Pas, Loma da Atalaya, Loma de las Eras, Palacés, Velez Blanco, Loma de Almanzorra, etc. Também na região de Granada foram assinalados estes ornamentos em Rio de Gor-La Sabina, em Alicún⁵ e na Cueva de la Mujer⁶.

Em Portugal existem jazidas que deram este tipo de bracelete. Assim, a Gruta I da Senhora da Luz (Rio Maior)⁷ deu um bracelete; a gruta dos Carrascos (Montejunto)⁸ 2 braceletes e 1/2 de um outro, a Lapa da Bugalheira⁹ 1/2 bracelete a Lapa da Madeira (Serra d'Aire)¹⁰ 1/2 bracelete e, por último, a Gruta dos Mosqueiros (Alcobaça)¹¹ um bracelete completo.

As alabardas triangulares esguias, outras das peças do monumento da Feteira agora estudado, apresentam semelhanças com outras do Sudeste espanhol. Em Portugal apenas conhecemos dois exemplos: a alabarda da Granja do Marquez (Folha de Barradas)¹² e duas alabardas de dois dos monumentos megalíticos da Serra da Boa Viagem (Figueira da Foz)¹³.

Outra peça muito interessante e digna de todo o apreço, não só pela beleza, como pelo material em que é feito, a fibrolite, é o machado com o sulco para o encabamento. Conhecemos em Portugal um exemplo muito semelhante encontrado no monumento da Marcela no Al-

2. O. DA VEIGA FERREIRA, «Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa», *I Cong. Nac. de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

3. A. DOS SANTOS ROCHA, «Antiguidades prehistóricas do Concelho da Figueira, Coimbra, 1888.

4. A. VÍCTOR GUERRA e O. DA VEIGA FERREIRA, «Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz», *Arquivo de Beja*, vol. XXV-XXVI, Beja, 1969.

5. GEORG e VERA LEISNER, «Die megalithgräber dea Iberischen halbinsel, Berlin, 1943.

6. A. FILIPE SIMÕES, «Introdução à Archeologia da Península Ibérica, Lisboa, 1878.

7. Colecção inédita do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Belém.

8. Idem, Idem.

9. A. DO PAÇO, G. ZBYSZEWSKI e O. DA VEIGA FERREIRA, «A Lapa da Bugalheira (Torres Novas) a publicar nas *Com. Serv. Geol. de Portugal*.

10. O. DA VEIGA FERREIRA, «Notícia de algumas estações e objectos inéditos ou pouco conhecidos», *Bol. da Junta Distrital de Lisboa*, n.º

11. M. VIEIRA NATIVIDADE, «Grutas de Alcobaça», *Portugália*, T. I. fasc. 3, Porto, 1899-1903.

12. Carlos RIBEIRO, «Notícia de algumas estações e monumentos prehistóricos, Lisboa, 1878.

13. A. DOS SANTOS ROCHA, *Antiguidades op... cit...* (coleções do Museu da Figueira da Foz).

garve¹⁴. Além deste apontamos ainda um de Méotola, outro de Coimbra, outro da Idanha, numa anta, outro do Pó (Obidos), um da Orca do Tanque, um outro de Moncorvo, outro do Outeiro de S. Mamede (Obidos) e, por último, um do Coelhooso (Bragança)¹⁵. O machadinho de Torres Vedras (Cabeço da Arruda)¹⁶, também de fibrolite, não se pode comparar a este pois o sulco tinha ali outra função. Além do machado com sulco foi encontrada uma pequena enxó de trabalho muito cuidado. A fibrolite é, aliás, bastante rara e constitui um material importação¹⁷.

No Sudeste espanhol encontramos um menos perfeito, que este com sulco de encabamento da Feteira, na região de Almeria (Loma de las Eras).

Os trapézios e os crescentes ou segmentos de círculo revelam uma maior antiguidade e parecem ter reminiscências dos concheiros de Muge e revelam, concerteza, uma sobrevivência dessa espécie de pequenos utensílios líticos dos povos de Muge e do Vale do Sado¹⁸.

As pontas de seta da Feteira são, na maior parte, de tipo almeriense. Muitas delas são compridas e delgadas com pedúnculo incipiente ou de base côncava. As contas de colar aparecem nos túmulos de Almeria com as mesmas formas e os mesmos materiais das de Pombal.

No material de osso salientam-se os alfinetes de cabeça espatulada e os de cabeça redonda com caneluras horizontais muito abundantes, sobretudo, na Estremadura portuguesa em monumentos funerários, grutas artificiais e naturais¹⁹. O furador é muito vulgar nesta época das grandes construções megalíticas e povoados.

Uma metade de uma conta de colar de quartzo ornamentada com caneluras constitui uma raridade. Aliás as contas de quartzo são bastante raras e compreende-se, devido à dureza da matéria prima.

As lâminas são vulgares nas estações desta época. Uma peça aliás, muito interessante, é a amoladeira de grès de grão fino, micáceo. Estas peças de amolar fazem parte dos espólios destas época.

A cerâmica é muito pobre e reduzida apenas a fragmentos. Os dois com protuberâncias ou botões lembram as cerâmicas de tipo neolítico, assim como o que apresenta um cordão. A reconstrução das formas, em desenho, deu vasos de tipo dolménico e taças carenadas de tipo sudeste.

Quanto à cronologia, e em virtude do que conhecemos para monumentos desta época pelas datações do radiocarbono 14, podemos situar o monumento em cerca de 2.200 anos a. C.

14. S. P. M. ESTÁCIO DA VEIGA, «Antiguidades Monumentaes do Algarve», vol. I, Lisboa, 1886.

15. LEITE DE VASCONCELOS, «Encabamento de instrumentos de pedra prehistorica», O Archeologo Portugues. Vol. XXV, p. 288. Lisboa, 1922.

16. L. TRINDADE e O. DA VEIGA FERREIRA, «A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras). *Anais da Fac. Ciências do Porto*, T. XXXVIII, Porto, 1956.

17. O. DA VEIGA FERREIRA, «Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos», *Anais da Fac. Ciências do Porto*, T. XXXVII, Porto, 1953.

18. J. ROCHE, Le gisement méolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal), Lisboa, 1960. LERENO ANTUNES BARRADAS, «Concheiros do Vale do Sado», *Anais da Fac. de Ciências do Porto*, T. XXI, Porto, 1936. Existem no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Belém imensos materiais provenientes de escavações que estão inéditos.

19. A. DA VEIGA FERREIRA, «La culture du vase campaniforme au Portugal. *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n.º 16, Lisboa, 1966.

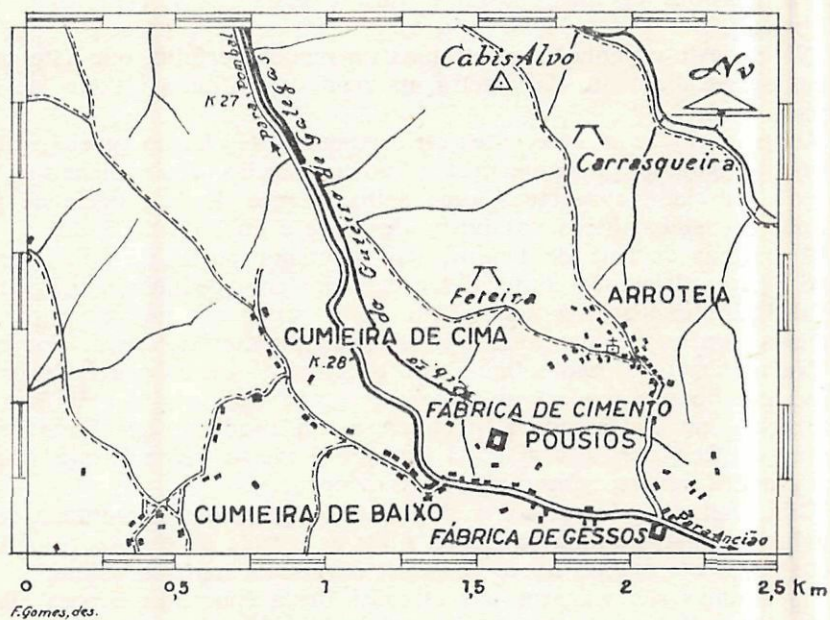


FIG. 1. — Localização dos monumentos megalíticos do Alto da Feteira e Alto da Carrasqueira

Ó monumento megalítico de Altoda Feteira (Pombal)

MONUMENTO MEGALITICO DA FETEIRA (POMBAL)

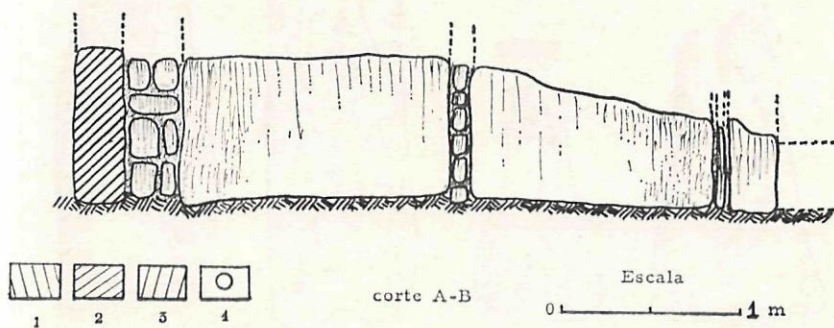
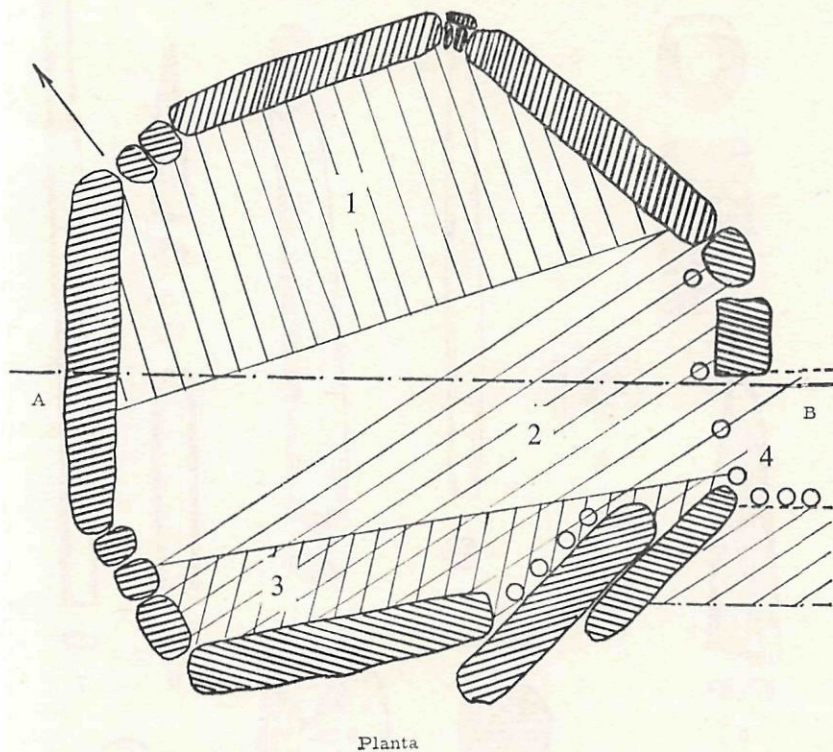


FIG. 2.—1. Area onde se encontraram os micrólitos (trapézios e crescentes)
2. Area que deu os restantes materiais
3. Area de grande abundância de restos osteológicos
4. Local onde se recolheram os crâneos

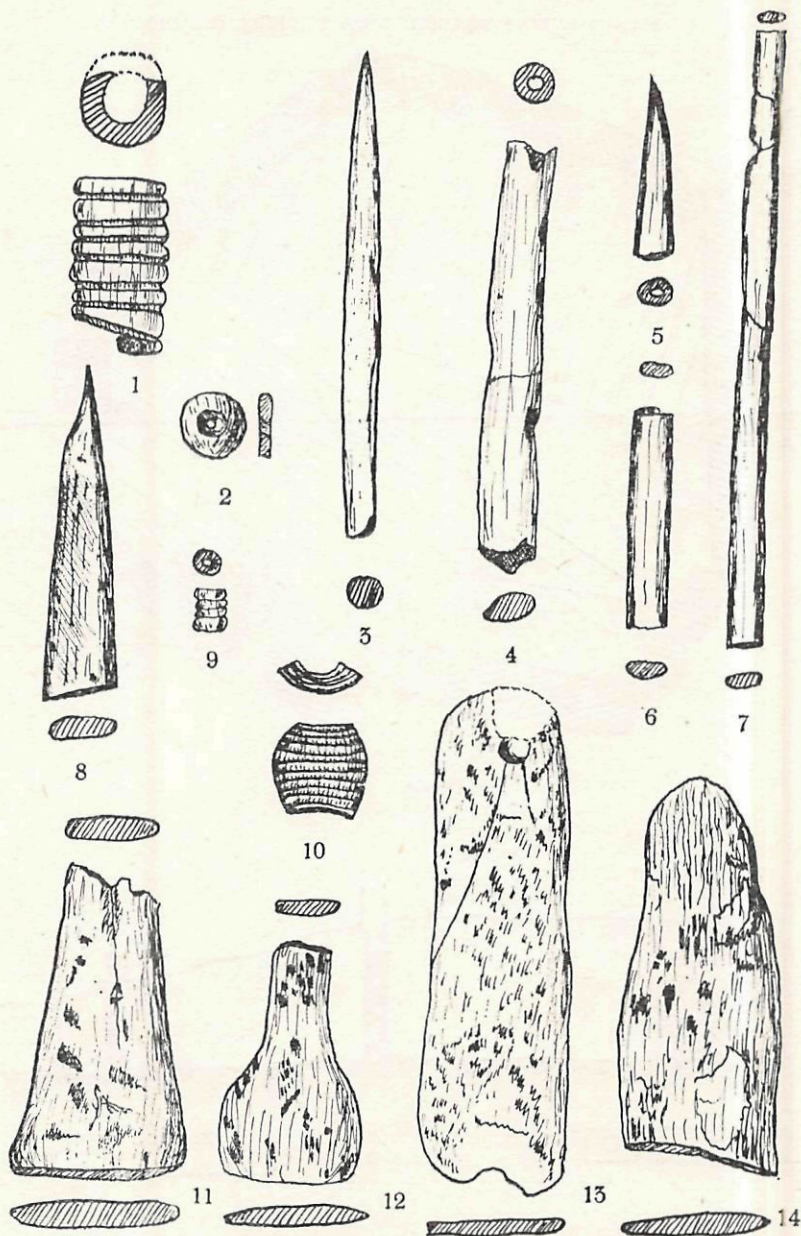


FIG. 3. — 1, cabeça de alfinete para cabelo (osso); 3, 5, 6, 7, corpos de alfinete de osso; 2, 9, 10, contas de colar; 8, furador de osso; 4, cabo de osso; 11, 12, cabeças espatuladas de alfinete para cabelo (osso); 13, 14, placas de osso (tudo em 1/1)

O monumento megalítico de Altoda Feteira (Pombal)

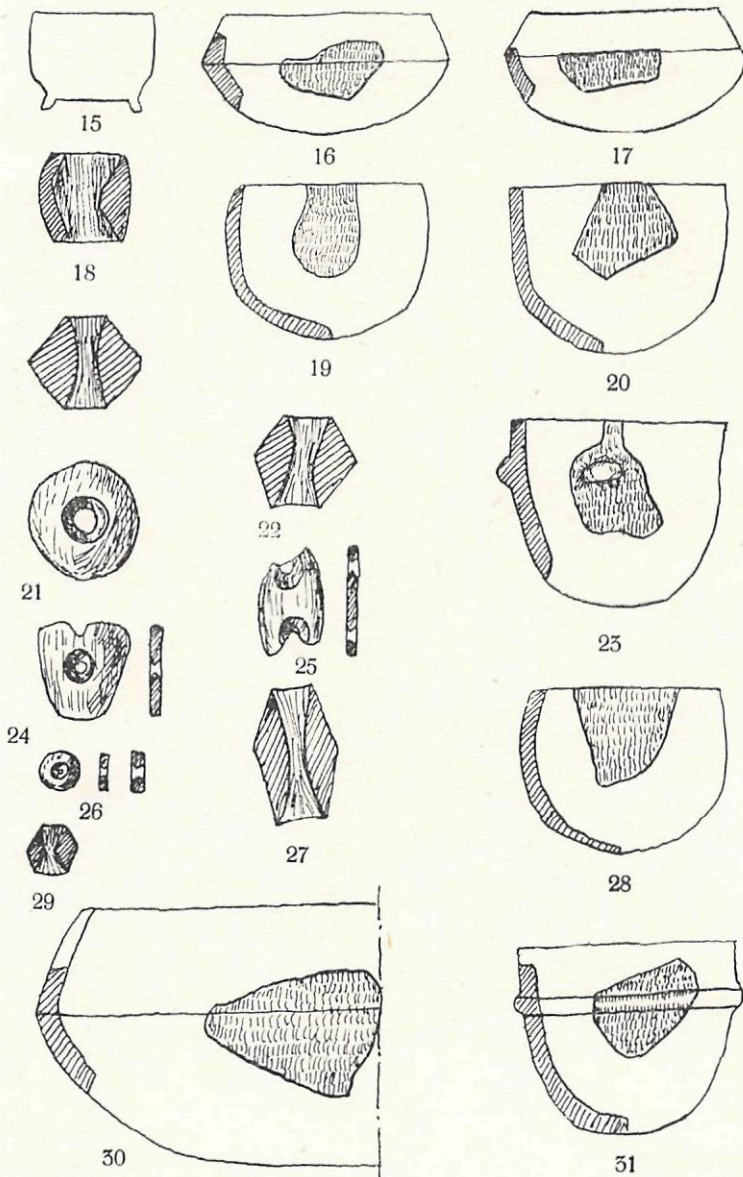


FIG. 4. — 15, 16, 17, 19, 20, 23, 28, 30, 31, tipos de cerâmica reconstituído em desenho; 18, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, contas de colar de diversas matérias (as contas estão em 1/1; as cerâmicas cercad de 1/4)

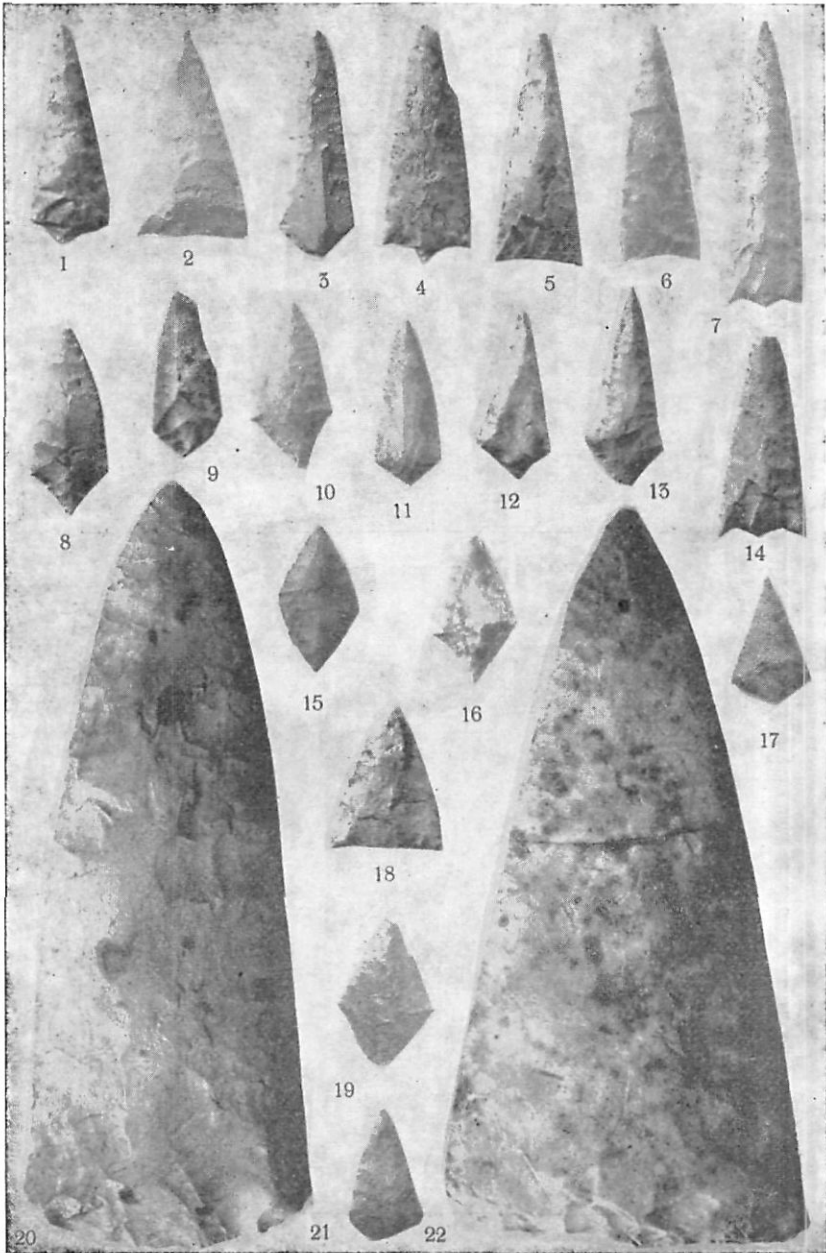
EST. I



1. Vista do monumento findao exfloração.

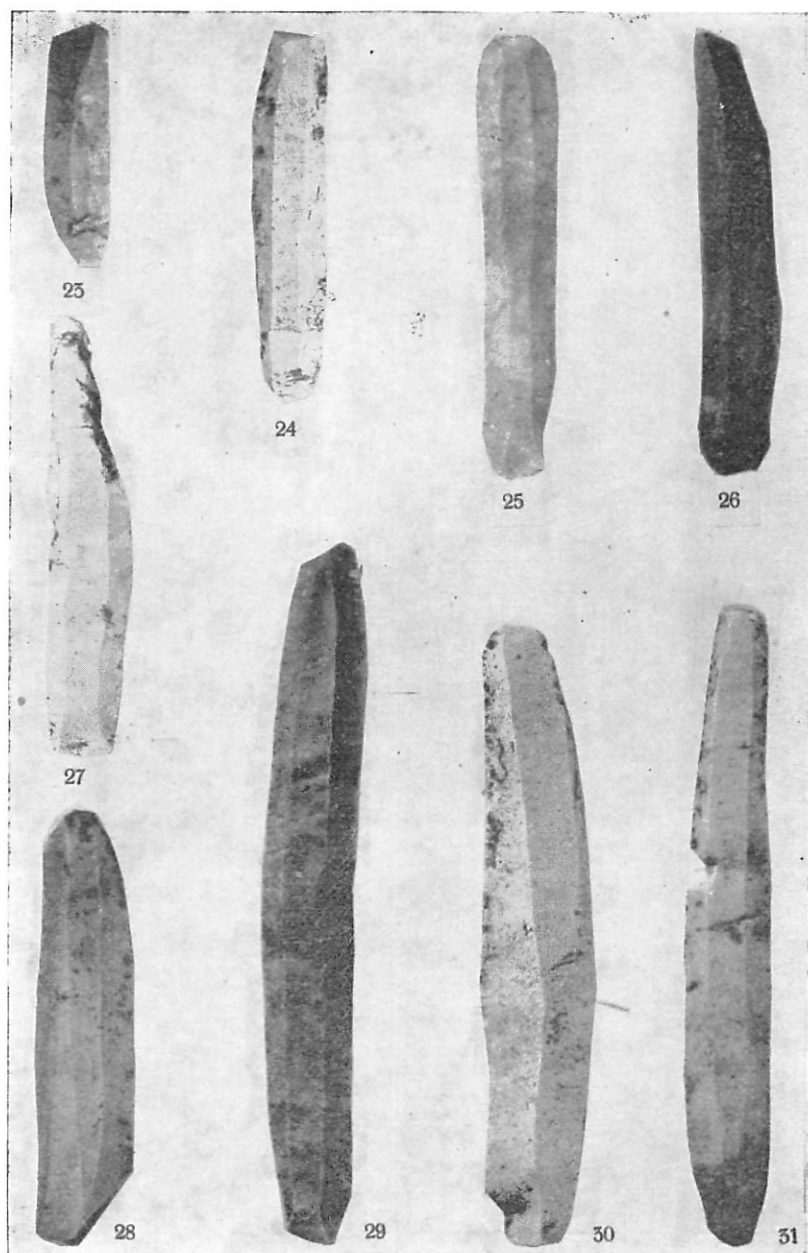


2. Outra vista do monumento vendose esteias inbricados no lado esquerdo



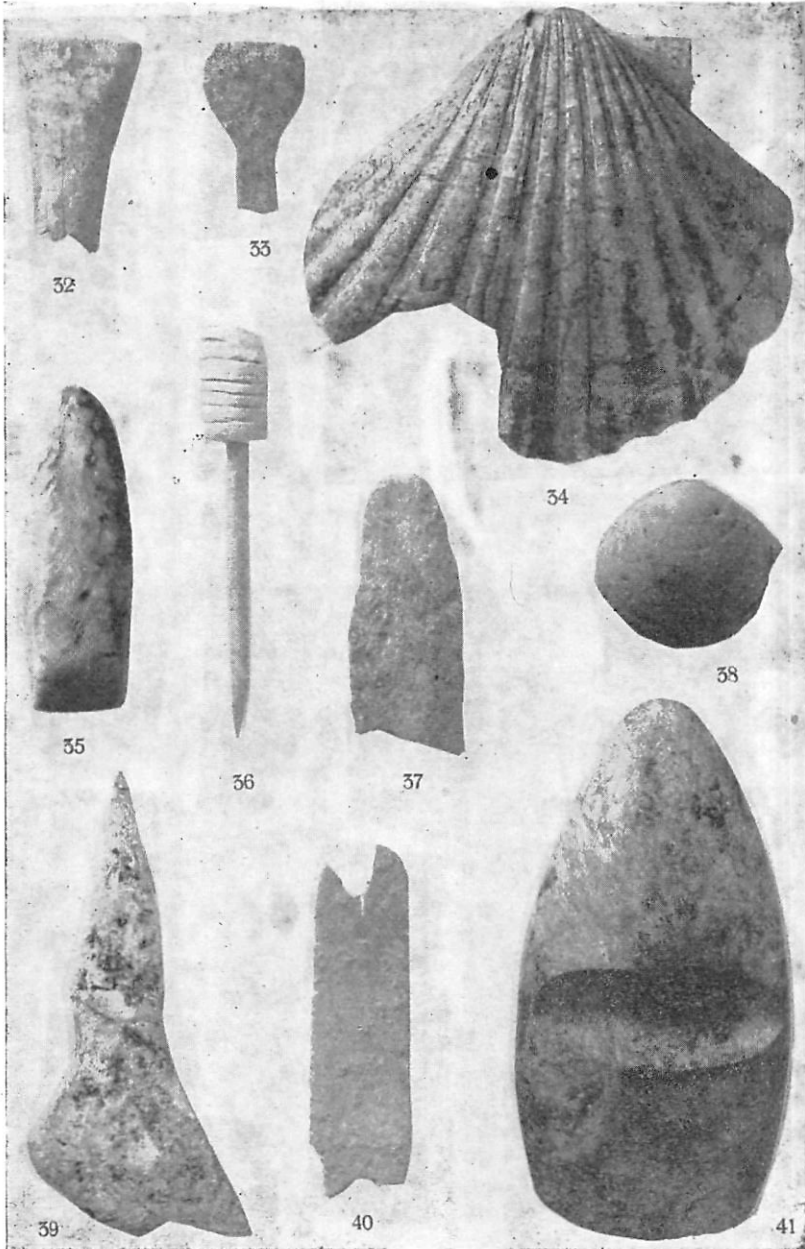
1-19 e 21, Pontas de seta de diversos tipos (silex). — 20 e 22, Alabardas de silex (2,3)

EST. III



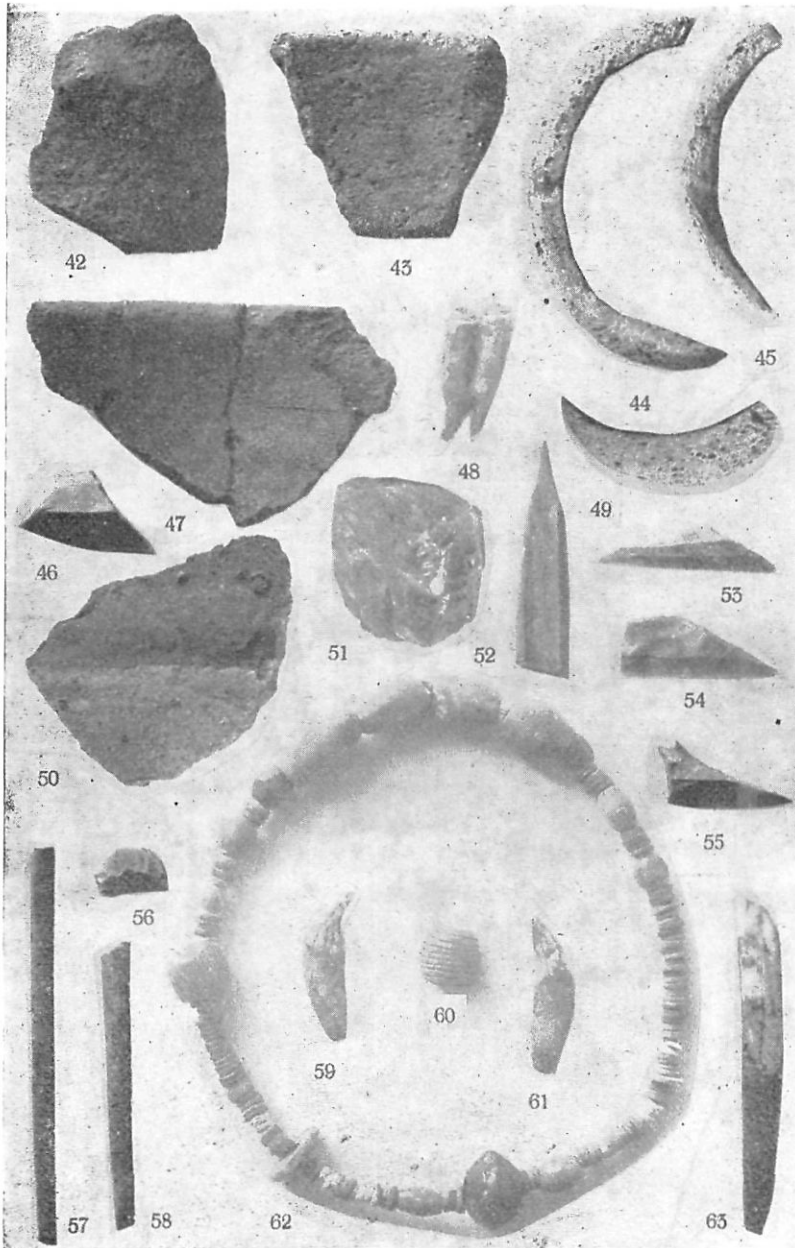
23-31. Láminas de sílex (2/3)

EST. IV



32, 33, 36, tipos de alfinete para cabelo (duas cabeças espatuladas e uma com sulcos); 34, valva de *Pecten maximus*; 35, machadinho de fibrolite; 38, valva de *Clycimeris* sp.; 37, 40, placas de osso; 39, Furador de osso; 41, machado de fibrolite com chanfro para o encabamento (tudo em 2/3 do tamanho natural)

EST. V



42, 43, 47, 50, fragmentos de cerâmica; 44, 45, braceletes de concha de *Glycimeris*; 46, 53, 54, 55, 56, micrólitos (trapezios e crescente); 51, núcleo de quartzo; 52, furador de osso; 57, 58, corpos de alfinete para cabelo de osso; 59, canino de *Meles taxus*; 61, canino de *Vipes vulpes*, 60, conta de quartzo; 48, dente de *Cervus*; 63, dente de *Sus scropha*; 62, colar de contas de diversos tipos e materiais. (Cerca de 2/3)